



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista.,

DIRECTOR E EDITOR: EDUARDO LARCHER MARÇAL.

RED. E ADM. LARGO JOSÉ NOVAES. COMP E IMP. CENTRO DE NOVIDADE

## O Alferes barcellense



pag. 57 do livro já hoje raro *Tractado panegyrico em louvor da Villa de Barcellos* (1672), de Fr. Pedro de Poyares, diz o seu auctor:

res, diz o seu auctor:

«E já que falley na honrada morte de Nuno Gonçalves (*referencia ao famoso alcaide do castello de Faria*), he forçado tocar a nobre, e generosa morte de hum Barcellense, que indo por soldado, e Alferes no exercito del Rey Dom Sebastião, quando passou a Africa, o qual defendeo cõ valor sua bandeira até lhe cortarem as mãos, e sendo-lhe cortadas, pegou com os dentes na bandeira, e não a largou, sem primeiro largar a vida. ...Este valente Alferes não somente era de Barcellos, mas era da familia dos Barcellos, como vi provado em autos, que se processaram na Villa de Vianna entre dous homens nobres, hum nacido em Vianna, outro nacido em Barcellos, mas casado, e morador em Vianna».

O mesmo refere, entre outros auctores, o Abbade do Louro, a pag. 151 da sua *Memoria Historica de Barcellos*.

Feito identico relatam as nossas chronicas, succedido na batalha de Tóro (maio de 1476) com o celebre alferes de D. Affonso V, Duarte de Almeida —o *Decepado*.

Infelizmente, nenhum dos auctores acima citados nos revelou o nome do heroico barcellense, nem mesmo nos deixou qualquer pequena indicação pela qual fosse possivel descobri-lo. E' certo que Fr. Pedro de Poyares, dizendo que o Alferes barcellense pertencia á familia dos Barcellos, como elle proprio vira provado em documentos de toda a authenticidade, parecia ter indicado o caminho mais seguro e mais directo para a averiguação do seu nome.

A verdade, porem, é que, consultados por nós alguns dos mais conceituados nobiliarios, onde a familia Barcellos vem tractada com grande desenvolvimento, nada conseguimos saber, porque em nenhum se nos deparou a mais ligeira referencia ao Alferes barcellense.

Não desistimos, contudo, do intento, que para nós tinha o maximo interesse, e proseguimos com perseverança nas nossas investigações.

Na lista dos fidalgos portugueses mortos em Alcacer-Quibir, publicada por Diogo Barbosa Machado, nas *Memorias de El Rey D. Sebastião* Liv. 2.º, cap. XVII, n.ºs 107 e 103, não vem mencionado o nome de nenhum barcellense; mas, attendendo a que este auctor, publicando aquella relação, nada mais pretendia do que salvar do esquecimento os nomes dos principaes fidalgos portugueses fallecidos n'essa louca e funesta campanha contra Marrocos, é claro que ou-

tros lá deveriam ter perecido, cujos nomes, por menos conhecidos na côrte, não foram n'ella incluídos.

E' positivo que em Africa estiveram n'essa occasião alguns barcelenses, muito illustres e conhecidos na provincia do Minho, e que todos, ou quasi todos, ahi perderam a vida em defesa da patria, como vemos confirmado não só em documentos de inconcussa authenticidade, mas até pelo testemunho de escriptores respeitaveis.

Dos seguintes temos nós conhecimento:

—*Henrique Pinheiro Lobo de Lacerda*, senhor da Casa dos Pinheiros de Barcellos e casado com D. Isabel de Azevedo e Athayde.

—*Manoel Felgueiras Gayo*, senhor da casa da Fervença e companheiro de el-rei D. Sebastião na infeliz jornada d' Africa, como consta de documentos pertencentes ao archivo da mesma casa da Fervença.

E' certo que n'estes documentos, que compulsamos, não se diz que Manoel Felgueiras Gayo morrera, mas sim que ficára captivo na batalha de Alcacer; é, todavia, probabilissimo que não sobrevivesse ao terrivel desastre, porque, sendo o filho primogenito de Antonio Martins Gayo e de sua mulher D. Maria Felgueiras de Valladares, e devendo, por este motivo, succeder em toda a casa vincular de seus paes, não foi elle o successor, mas sim seu irmão immediato João Felgueiras Gayo.

—Tambem lá falleceu *Gaspar de Goes do Rego*, natural da villa de Barcellos, senhor dos morgados de Merece e Goes, e cavalleiro da casa de Bragança, a cujo serviço esteve.

—E, finalmente, *Estevam Pinheiro Lobo* e seu irmão *Christovam Pinheiro*, filhos de Simão Pinheiro Lobo, 1.º administrador do morgado de Pindella, e de sua mulher D. Leonor de Almeida Benevides de Mendanha.

Tinhamos as mais fundadas esperanças n'estes nomes, porque um d'elles deveria ser, provavelmente, o do celebre alferes de que nos fala o auctor do «*Tratado panegyrico*». E, como Gaspar de Goes do Rego residia por esse tempo em Villa Viçosa, era parente, pelo seu casamento, dos duques de Bragança e estava ao seu serviço, sendo d'elles

## CANÇÃO DAS AGUAS

*Canção das aguas! Parece,  
Em noites lindas de luar,  
Que sai do rio uma prece,  
Que o rio sabe rezar . . .*

*Nem ha voz que melhor diga  
Penas d'amor, lentas maguas,  
Do que essa canção antiga  
Que vai desfeita nas aguas! . . .*

*Anda um poeta escondido  
No rio; se vem á flor,  
Fluctua, ao luar dorido,  
Chorando endexas d'amor.*

*Canção das aguas! Nenhuma  
Sabe evocar-me o passado,  
Como esta que vem na espuma  
Do meu rio namorado.*

*E ás vezes — vaga elegia  
Que se perde pelo ar —  
Oíço a voz de Santa Iria,  
Que foi n'um rio, a boiar . . .*

*Oh! quem sabe lá se o rio,  
E os choupos, ao luar que esplende,  
Não cantam ao desafio  
Versos que só Deus entende!*

JULIO BRANDÃO.

muito estimado, para elle era especialmente solicitada a nossa attenção.

Faltava-nos, porem, uma prova de que Gaspar do Rego fosse o alferes das hostes que, sob o commando de D. Jaime, filho dos duques de Bragança, acompanharam el-rei D. Sebastião a Africa.

Não perdemos de vista o interessante assumpto e esperamos confiados em que o tempo nos desvendasse o mysterio, tornando conhecido esse nome glorioso.

Effectivamente, decorridos alguns annos, tivemos a confirmação plena do nosso presentimento.

Lendo casualmente um velho manuscrito, que foi do fallecido 1.º conde de Azevedo e hoje pertence a seu sobrinho e nosso queri-



BARCELLOS NA FEIRA

O casal de namorados que o instantaneo surprehendeu...

do amigo, José de Azevedo e Menezes, distinto homem de letras, lá encontramos a almejada revelação.

Esse manuscrito é o «*Nobiliario do Abade de Esmeriz*», em seis volumes in-fol., que no tit.<sup>o</sup> de Regos Barretos de Barcellos, falando de Gaspar de Goes do Rego, diz:

«*Foi cavalleiro da casa do Duque de Bragança e seu alferes da bandeira em Alcacer, onde morreu, tendo-lhe o Duque dado a commenda de St.<sup>a</sup> Olaya, desmembrada da do Rabal, em terra de Bragança, a 26 de março de 1577.*»

Esta laconica mas preciosa nota do «*Nobiliario do Esmeriz*» illuminou de tal modo o nosso espirito, que desde logo ficamos sabendo que o Alferes barcellense era nem mais nem menos do que o Gaspar de Goes do Rego, casado com D. Maria Tavares, filha natural de D. Fulgencio de Bragança e de que nos occupamos no penultimo numero do *Barcellos-Revista*.

Conhecido o nome do esforçado barcellense, é empresa facil agora precisar-lhe a naturalidade e filiação, porque todos os nobiliarios o dizem.

Nasceu em Barcellos e foi o filho primogenito de Antonio do Rego Barreto, almoxarife e juiz dos direitos reaes da mesma villa, e de sua mulher D. Anna (ou Mecia) Ferraz. Vivendo durante muitos annos com os duques de Bragança em Villa Viçosa, ahi casou com D. Maria Tavares, a quem a duquesa D. Catharina, sua tia, deu, como presente de nupcias, um bom dote e a commenda de St.<sup>a</sup> Olaya, na ordem de Christo.

Gaspar de Goes do Rego foi, por successão a seus paes, senhor da casa de Merece, na freguesia de S. Pedro de Calvello, da antiga comarca de Barcellos, e do morgado de Goes, em St.<sup>a</sup> Eugenia de Rio Covo, do actual concelho de Barcellos.

A casa em que nasceu e habitou em Barcellos, ainda existe n'esta villa, no largo do Apoio: é a que pertence actualmente ás Snr.<sup>as</sup> Filippes e faz esquina para as ruas *do Visconde de Leiria e da Esperança* ou *travessa do Apoio*.

A confirmar o que dizemos, lá está sobre a porta principal da referida casa—modesta e illustre ao mesmo tempo—o brasão dos Regos, que era o de seus maiores.

E do exposto se vê quanta razão tinha o nosso grande e inimitavel Camillo, quando disse, não sei já onde: «*os que despresam os manuscritos genealogicos atiram fóra o melhor oiro da historia civil, politica e religiosa da sua terra.*»

W.

## Opiniões femininas

(Cartas de uma senhora)

**M**EU exotico Eleutherio:  
Começo por o alcunhar de exotico, e com certa razão.

O pedido que me faz revela bem a exquisitez do seu genio, e as tendencias extravagantes do seu temperamento.

Reclamar a minha opinião sobre os ho-

mens, a mim que tão pouco os conheço e que em certo modo os detesto!

Não ha duvida que o meu curioso Eleutherio escolheu porventura o assumpto mais palpitante, como se costuma dizer, que pode existir nos dominios da psychologia feminina.

E se quer que lhe diga, com toda esta franquezinha peculiar de meu sexo (não ria, ouviu?), extranhei tanto o problema que me propoz que até fui obrigada a lêr trez vezes a sua carta.

No fim da primeira leitura, que me pareceu fastidiosa, fiquei a modos de embaraçada e indecisa.

Li segunda vez, e então pensei de mim para mim que o meu amigo se queria divertir á custa do meu *pittoresco* sexo, como o senhor lhe chama.

Terceira leitura: soltei uma irrevente gargalhada, para a qual imploro desde já o seu perdão.

Como porem até hoje tenho sempre procurado satisfazer os seus caprichos e obedecer ás suas aprazíveis intimações, peguei da pena e puz-me então a meditar a serio sobre a resposta que lhe havia de dar.

O que eu penso dos homens!

Mas é esta a primeira vez na minha vida que eu penso nelles, meu prezado Eleutherio, depois que teve a impertinente lembrança de chamar as minhas atensões para tão *escabroso assumpto!*

Até hoje, eu creio que nunca pensei nada dos homens. Era este um thema tão vago e vaporoso, que nunca se atreveu a perpassar-me pela mente.

Eu pensava talvez num ou noutro, pensava em si, por exemplo, e assim mesmo não pensava em si ou noutro como homens.

Pensava no amigo Eleutherio, no Estanislau, no Lapafuncio, e eis tudo!

Mas pensar nos homens, ah! como isso é bem differente!

E depois não basta isto, não basta pensar nos homens, o que é vulgar, creio eu, em pessoas do meu sexo; mas é preciso, para satisfazer aos desejos do meu amigo, pensar o que elles são, o que decerto é coisa já mais espinhosa e original.

E embora eu lhe proporcione o prazer de

## VILANCÊTE

Melhor me fôra, Senhora,  
Nunca meus olhos ter posto  
Na graça de vosso rosto.

### VOLTAS

Senhora, que tão mesquinha  
A sina que me tocou!  
Fugiu-me a ventura asinha  
Dêsque vos vi, vida minha.  
Não sei que rumo levou.  
Ai, a alegria que eu tinha!  
Ai, a tristura em que estou!

Per isso maldigo a hora  
Que me deu tamanho gosto,  
Que por gosto ser, embora,  
Se foi mudando em desgosto.  
Senhora, minha Senhora,  
Ai, nunca eu tivera posto  
Os olhos no vosso rostol

JOÃO DE LEBRE E LIMA.

Outubro de 1910.

---

pensar o que elles são, como é que eu hei-de manifestar-lhe esse pouco que me atreverei a pensar?

Não serei eu parte suspeita e interessada no assumpto?

Não receará, meu excentrico Eleutherio, que eu o engane, que o illuda, que eu lhe diga aquillo que não sinto e que não penso?

E não terá o meu amigo tantas razões para recear isto, uma vez que a primeira coisa que eu penso dos homens é que elles são alta e excessivamente desconfiados e incredulos, sempre promptos a duvidar das confissões, ainda as mais sollemnes, da mulher?

Ah! meu amigo!

Eu sempre tive por elles, por esses seres bizarros que nos encaram a todo o momento com tão mysteriosos e cambiantes olhares, uma attenção humilde e respeitadora, julgando vêr nelles os protectores infatigaveis das fraquezas do meu sexo.

Mas quando me recordo das predicas e dos

avisos entoados por minha avó, quando me acodem á lembrança as cautellas e expedientes aconselhados por minha tia, decididamente não sei o que pensar d'elles, nem tenho vontade de abordar tal assumpto!

Pois que poderão ser os homens, se é certo que as conveniencias sociaes são as primeiras a nos afastar d'elles?

E que poderão elles ser, se, de cada vez que elles nos contemplam, nós ficamos de tal modo impressionadas que já nem nos lembram as taes predicas da avó nem os expedientes preconizados pela tia?

Não julga, meu caro amigo, que, se uma mulher pensasse sempre e constantemente na sua qualidade de mulher, ella seria a primeira a não querer saber o que poderiam ser os homens?

E não lhe parece que é tarefa difficil pensar ao mesmo tempo em duas *coisas* tão heterogeneas e tão differentes?

«Acima de tudo, sê prudente, minha Felisberta»—repetia amiudadas vezes minha saudosa avó.

E não aconselhará a prudencia a que uma mulher não deva dizer o que ella pensa dos homens, sem saber em antes o que esses mesmos homens pensam d'ella?

Ora o meu amigo jamais me revelou o que

é que faz o favor de pensar de mim e, concomitantemente, das pessoas da minha natureza.

Entendo pois, em minha humilde e desvaliosa opinião, que não posso pensar nada dos homens, sem saber o que é que elles pensam de nós.

Ora o que elles pensam de nós é que eu nunca soube, nem procurarei saber.

Temo muito de ser illudida na resposta que, por amabilidade, me enviassem.

Existe, pois, entre estes dois pólos da natureza humana—homem e mulher—um barranco profundissimo, no qual cada um tem medo de escorregar.

Esse barranco, meu prezado Eleutherio, é a duvida.

Mas tenha por certo que, apezar de todas estas incertezas, nunca duvida nem duvidará do seu unico Eleutherio

a sua modesta amiga

Felisberta.

Pela copia:

JOÃO SEVERO.

Nota:—No caso de o permittir a gentil signataria da carta supra, seguir-se-hão outras que temos em nosso poder.

J. S.

## Barcellos na Feira

(CONTINUAÇÃO)

A civilização abastardou, tornando confusos, illegiveis, aquelles interessantes typos aldeãos que, ainda na minha meninice, despontavam de certa graça, de aviventado encanto, a feira de Barcellos.

O casal de namorados que o instantaneo surprehendeu, e a «Revista» registra, tem resquícios de belleza por parte d'ella.

Talvez mesmo não repugnasse a um mestre inglez aproveitar esse documento ethnico, espontaneo, n'uma aguarella garrida. Elle, porém, é a transição delambida do homem do campo para o *cidadino*. Monta bicycleta, já! Um meio de locomoção caracterizado

por alguém assim: «vehiculo de duas rodas puxado por um *burro*».

Quando me abeirei com o apparelho photographico dos modelos, puz os auditivos em *riste* e por estes se escoou a prelecção que o *Adonis* fazia á *Dulcinéa*. Sou a dizer que já ouvi taes *bacoradas* n'uma revista de anno:

—«Ai! Não ha nada, mesmo nada, que me afflaja cá o anterior de dentro do que vêr uma pessoa ingnorante e instupeda a extropiar a linguagem de cada um. Por inzemplo: a Threza Madanela a dezer que o cochio era extraído do cravão com uma manica!! Eu cá, graças a Deus, expremo-me sempre bem».

\*

A feirante que tão despretenciosa, tão sim-

plesmente, n'aquellas mãos de tecedeira, bonitas, prende o pente que mercadeja, merecia as honras de um artigo!

Vejam que attitude innocente, sympathica, amovel!

Ouve, é toda attenção, as razões, que vencem até um penedo, sobre a perfeição, a barateza do objecto, proferidas pela solerte negociante que a *chapa* não abrangeu!

Deixa-se inclinar um pouco para não perder uma palavra que seja!

Um perfil hebreu!!!

Que de coração, que de ternura, que de poesia sentimental, por via do tear caseiro, ella, a bôa camponia, não entregará ao artefacto que seja a sua especialidade!

... Ao som da *musica do tear*, descançando a vista, atravez a janella da officina, na paisagem aveludada do Minho, apprehende motivos de ornamento que, no purissimo linho, na manta de trapos, recommendarão a artista de que a palavra escripta nunca tomará conta.

Bem dita mulher e bem dita terra onde nasceste!

\*

Quanto ao namoro de soldado eu pouco posso dizer.

Talvez a gravura falle melhor do que eu!

Elles, dous mocetões sacudidos, é de crer que se achem melhor com Cupido do que com Marte...

O aspecto que apresentam inclina-se muito á ultima conjectura.

O 60 da 3.<sup>a</sup> tem a mão no logar do coração, como quem *o saca* para o entregar á amante—e o camarada, ao lado, que pela ordem regimental vae ser promovido a cabo devido ao seu exemplar comportamento— pois nunca faltou á hora da refeição e sempre a tempo appareceu ao toque da distribuição do pão— esse não vae com cantigas... Ri-se. Paixões não são com elle.

...O que se prova d'este instantaneo é que depois de proclamada a Republica congratou-se talvez mais o elemento civil com o militar...

(Continúa).

A. SOUCASAU.

## Cartas á minha vizinha

### XXI

*A má vontade das Vizinhas ás Escolas ménagères. — Se ellas se podem dispensar. — O ensino familiar entre nós. — O que são os nossos lares. — Educação dos filhos. — O methodo de Frabel. — As perguntas infantis. — Uma bella obra de um grande poeta: A Cartilha Maternal. — De onde deriva a superioridade dos povos — Resultado da Educação ménagère. — Uma phrase de Julio Simon.*

#### Vizinhas:

Vous irez les uns et les autres au devoir. Vous, jeunes hommes, au travail et au péril, vous, jeunes femmes, á la maternité et aux soins de la famille. — Il n'est pas de tâche plus belle et plus noble, et tant qu'on n'y a pas satisfait, on n'est digne d'en accomplir aucune autre.

PAUL DOUMER  
(Le Livre de Mes Fils).

DIZEM-ME V. EX.<sup>as</sup>, Vizinhas, que, na educação da mulher portugueza, o ensino das *Escolas ménagères* é substituído, *talvez com vantagem*, pelo conselho prudente e amigo das Mães, pela sua orientação pratica e segura, adquirida em um longo periodo de administração do *ménage*.

Mas, Vizinhas, uma coisa não *substitue* a outra, porque ambas se completam. E se o ensino do governo domestico na Escola, sem a *pratica* no proprio lar, corre o perigo de ser demasiado theorico, a *pratica* de casa, sem a preparação methodica e scientifica da Escola é de ordinario acanhada, rotineira, insufficiente.

O estudo da sciencia domestica que é uma synthese e uma applicação de muitas outras sciencias, como tentei mostrar-lhes na minha ultima carta, é demasiado complexo para que se possa fazer efficaizmente dentro dos nossos *ménages*.

E mesmo, Vizinhas, para que a *educação ménagère* se pudesse realisar com inteiro successo, no ambiente dos nossos lares, era



BARCELLOS NA FEIRA

A feirante que tão desprelenciosa, tão simplesmente, n'aquellas mãos de tecedeira, bonitas, prende o pente que mercadeja...

preciso que elles fossem modelos: sob o ponto de vista da *hygiene, da economia, do bom gosto, do conforto, da educação dos filhos, da delicadeza e elevação da sua vida em commum.*

Ora que é nos mostra a realidade crua e triste das coisas na maioria das nossas familias? O seu regimen alimentar é inteiramente arbitrario e constitue muitas vezes um verdadeiro attentado ás leis do bom senso e da hygiene. A distribuição de aposentos, as decorações, os materiaes de construcção, a escolha de mobiliario, a limpeza, as lavagens, tudo, em regra, está á mercê do arbitrio, do acaso, ou de uma rotina inconsciente.

Poucos são os lares que nos offerecem mesmo essa impressão carinhosa de conforto, de harmonia, de intimidade recolhida e feliz, que se desprende do ambiente, que nos

penetra a alma e até existe no aspecto risinho das coisas.

E o tratamento e a educação dos filhos?

Carinho, solicitude, cuidados affectuosissimos, sabem te-los, como poucas, as mães portuguezas; mas não bastam carinhos, solitudes e cuidados para educar, é preciso tambem uma preparação pedagogica que entre nós existe em raras familias.

Vejamus por exemplo a educação intellectual.

Uma creança pôde começar a instruir-se com os processos racionais de ensino, desde os tres annos. A partir d'essa idade é facil, usando, por exemplo os dons de Froebel: *as bolas, a esphera, os cubos, o cylindro* e o *prisma*, dar-lhes sem esforço e com interesse as primeiras noções das côres, das formas, das posições dos objectos, e desenvolver-lhes o espirito de observação e analyse.

Pouco a pouco, com o methodo intuitivo e seguindo o desenvolvimento psychologico da creança, a mãe cuidadosa, pode ir mobilando de bons e uteis conhecimentos, o espirito do filho, avido de curiosidade, que tudo quer saber e a proposito de tudo faz perguntas.

E é facil, ora provocando essas perguntas, ora respondendo-lhes com paciencia e cuidado, ensinar á creança, que não pede senão que a ensinem, os primeiros conhecimentos de botanica, de zoologia, de physica, de chimica, de astronomia e de moral.

Uma flôr, um formigueiro, uma estrella, uma colmeia, que a creança quer conhecer, são outros tantos pretextos para instructivas lições de coisas.

As perguntas infantis! que grande *força* tantas vezes ignorada ou desprezada na educação, que as mães não sabem aproveitar!

Mesmo o ensino da leitura, ninguem melhor que a mãe o pode e o deve fazer. E foi especialmente para as mães portuguezas, pensando n'ellas, chamando-as para a nobre missão de instruir os filhos que um grande poeta, da nossa terra, compoz um methodo de leitura, que é um prodigio de arte pedagogica.

No emtanto, Vizinhas, é bem triste confes-

## EN LA TARJETA

*La niña de Buenos Aires  
Que buenos aires que tiene!  
Buenos aires cuando vá,  
Buenos aires cuando viene.  
La niña de Buenos Aires  
Que buenos aires que tiene!*

*Y como no pasa, vuela,  
Por sus aires y donaires,  
Quien se marchára en sus alas,  
Palomita, á Buenos Aires!  
Que, como no pasa, vuela  
Com sus aires y donaires.*

*Por ella los aires bebo  
Y de sus aires yo vivo;  
Y así és, en mis anhelos,  
Que por los aires l'escribo.  
Airosa de Buenos Aires  
Quien de los aires yo vivo.*

1905.

JOÃO VERDE.

sa-lo, muito poucas d'Aquellas, a quem João de Deus offereceu a sua «*Cartilha Maternal*», comprehendem a grande belleza d'essa obra, profundamente racional e intelligente, e se empenham em executa-la por suas proprias mãos.

Por falta de amor pelos filhos? por comodismo? por desinteresse? Não, Vizinhas, mas porque não foram *preparadas* para realizar plenamente a sua missão de educadoras e sabem apenas o que o coração lhes faz adivinhar.

Ora o methodo de João de Deus, o ensino intuitivo, os processos de Froebel e Pestalozzi, que tanto se usam nas *Escolas Maternas*, exigem uma *preparação pedagogica especial* e um estudo longo e complexo que se não improvisam, nem adivinham.

E agora pergunto, Vizinhas, se existem externatos e collegios onde as nossas burguezinhas vão aprender as suas *prendas*: o seu piano, o seu canto, as suas flôres, a sua pintura, porque se não fundam Escolas onde a

par de uma educação artistica, se prepare a mulher para o que ella deve ser, para o que ella vae ser na *Vida*: organisadora do lar, companheira do marido, educadora dos filhos?

Estas *Escolas* existem lá fóra nos paizes mais adeantados (1) que devem, em grande parte, a *superioridade* da sua vida social á boa organização familiar. Eu não conheço, é verdade, a *preparação* com que a mulher entra para o lar, n'esses paizes, onde se fundaram as *Escolas Ménagères*.

Mas, como esses são os povos *superiores*, devemos toma-los como exemplo e guia porque o segredo da superioridade de um paiz está acima de tudo no regimen educativo, na solidez e elevação da vida familiar, na preparação das gerações novas para a vida.

Se esses povos não tivessem a *familia* solidamente organisada e se a mulher, que é sempre a *alma* da familia, não estivesse á altura da sua missão dentro d'ella, a superioridade que apparentam era apenas uma illusoria mentira.

Por isso o inglez ama, como ninguem, o seu lar, e diz que nenhum logar no mundo eguala o *home*, (*There is no place like home*).

Esforcemo-nos por crear entre nós as *Escolas ménagères*, não imitando servil e apressadamente as do *estrangeiro*, mas adaptando-as ao nosso modo de ser, á nossa vida familiar e social. Daremos á mulher portugueza uma comprehensão mais alta dos seus deveres no lar. Liberta-la-hemos da simples execução *material e acanhada* das obrigações caseiras, em que se estiola a viveza e a frescura do seu espirito.

E, chamando assim intelligente e vigorosamente a *mulher*, para a *Vida* real, substi-

(1) Na Belgica, por exemplo, que é um paiz bem mais pequeno que Portugal, ha 300 *Escolas ménagères*, frequentadas por 10:000 alumnas.

Só para *burguezas*, tem a Allemanha 59 d'essas escolas e a Suissa 26.

Possuem-nas igualmente a Hollanda, a Dinamarca, a Grecia, a Inglaterra, os Estados-Unidos etc.



## Poetas brasileiros

### SER E NÃO SER

*Se te procuro, fujo de avistar-te,  
E se te quero, evito mais querer-te,  
Desejo quasi... quasi aborrecer-te,  
E se te fujo, estás em toda a parte.*

*Distante, corro logo a procurar-te,  
E perco a voz e flico mudo ao ver-te.  
Se me lembro de ti, tento esquecer-te,  
E se te esqueço, cuido mais amar-te.*

*O pensamento assim partido ao meio,  
E o coração assim também partido!  
Chamo-te e fujo, quero-te e receio!*

*Morto por ti, eu vivo dividido,  
Entre o meu e o teu ser sinto-me alheio,  
E sem saber de mim vivo perdido.*

J. B. D'ANDRADE E SILVA.

(Seculo XIX)

tuiremos uma Educação futil por uma solida preparação que lhe falta.

Com a acção disciplinadora dos *trabalhos manuaes*, dos methodos severos da sciencia, tornar-la-hemos menos *fraca*, menos imaginativa, menos frivola.

O seu espirito ha-de ganhar em independencia, em seriedade, em força e alegria para viver. (1)

E então, entrando no lar, a mulher leva consigo o melhor *dote*. Porque, como diz Jules Simon, é cegueira avaliar esse *dote* em dinheiro e não o calcular em qualidades, em saude, em bom humor, em elevação de espirito e character.

Perdoem ainda uma vez as impertinencias do seu Vizinho:

Importuno.

(1) Um inquerito feito pelo Departamento Federal do Trabalho nos Estados-Unidos, sobre os resultados das *Escolas Ménagères* operarias, revelou, segundo o testemunho unanime dos professores, dos paes e dos patrões, que os trabalhos realisados n'essas Escolas desenvolvem nas alum-

## Conde de Villas Boas

**P**ARTIU para o Brazil o nosso muito distincto collaborador sr. Conde de Villas Boas. Foi com uma grande saudade que o vimos deixar esta terra a quem elle quer tanto e que tanto lhe deve.

Espirito brilhante, agudo, com uma intelligencia culta como poucos, e com uma orientação rasgada e sã, era um elemento de alto valor no nosso meio.

Homem de principios e de acção, o seu sonho doirado era fazer para o Minho a quillo que Mistral conseguiu para a Provença. Era despertar as energias regionaes d'esta provincia, estimular-lhe a sua vida propria, conservar-lhe piedosamente as tradições e acordar a sua alma adormecida.

Elle comprehendia bem que a centralisação exaggerada que abafa a nossa vida publica e social é um dos nossos peores males. E por isso, pela palavra, pela penna e pela acção luctou sempre pela cruzada santa do regionalismo. Barcellos deve-lhe a sua primeira grande festa regionalista, a «Parada Agricola», e viu-se como este meio, essencialmente inerte, vibrou de entusiasmo e commoção quando se realisou essa bella apothose do trabalho e da Vida dos nossos campos.

A Parada era, devia ser o inicio de um largo movimento regional: artistico, economico e municipalista. E depois por estimulo, por contagio, seria então por todo o paiz um bello despertar de energias locaes, de *pequenas patrias*, vibrantes de força e iniciativa, que formariam *uma grande patria* mais rica, mais energica, mais bella que a de hoje.

Era também um pouco o sonho de Herculano que collocava a base da nossa reorganisação politica, no despertar da vida municipal.

nas: a independencia de character, a precisão de pensamento, o respeito pelos trabalhos manuaes, o poder de concepção de um plano, e da sua realisação pratica «use of materials». (vidé Louis Frank L'Education Domestique des Jeunes Filles pg. 53.)

Longe da sua patria, da sua terra, o sr. Conde de Villas Boas continuará, temos a certeza, a pensar no seu grande sonho, que deve ser a aspiração de todos os bons portuguezes; esperamos que um dia, quando voltar, começará de novo a trabalhar por elle com a mesma fé, o mesmo calor, o mesmo ingenuo enthusiasmo. A nossa patria precisa muito de homens de intelligencia, de orientação e de vontade como as suas.

Agora que está longe pedimos-lhe que não esqueça esta *Revista*, que tanto deve á sua intelligencia elevada e culta e á sua orientação criteriosa e lucida.

J. B.



## Chronica agricola

*A fundação d'uma caixa de credito agricola mutuo.*

DESDE que foi decretada essa grande medida governamental, que se chama *credito agricola*, é indispensavel que o concelho de Barcellos saiba aproveitar esse grande incentivo ao progresso da agricultura, instando pela criação d'uma *caixa de credito agricola mutuo*.

A funcção d'esta caixa, fornecendo ao agricultor os capitaes necessarios ao fim exclusivamente agricola, por um juro barato, é d'um alcance extraordinario, n'um meio como o de Barcellos, onde a maioria da propriedade está entregue ao agricultor ignorante, que não possui os capitaes necessarios para uma cultura racional.

Apezar da sua boa vontade de enveredar por um novo caminho, difficilmente o consegue por não encontrar os capitaes necessarios, a juro modico. O usurario tem sido a sanguisuga insaciavel, que explora não só o pequeno proprietario, arrebatando-lhe o seu pequeno eirado, como o humilde lavrador, ao qual arrasta as ultimas migalhas que existem no antro da miseria em que habita. O pequeno agricultor só consegue o capital, por um juro elevadissimo, que lhe é impossivel conseguir das propriedades que arrenda.

O credito agricola vem facultar o capital por um juro reduzido, contribuindo por isso



BARCELLOS NA FEIRA

O 60 da 3.ª tem a mão no lugar do coração, como quem o "saca", para o entregar á amante. . .

poderosamente para a regeneração da agricultura.

A verba de mil e quinhentos contos de reis, que o governo espalha pelas diferentes caixas de credito do paiz, foi já um grande passo; mas ainda está muito longe de representar a verdadeira somma, que a agricultura nacional precisa, para entrar n'um periodo de activo progresso.

O recente decreto diz que nenhuma *caixa* poderá organizar-se ou funcionar sem que a seu lado esteja constituido e trabalhando o competente *syndicato agricola*; por isso um dos primeiros trabalhos a realizar, será tratar desde já de lançar as bases d'essa associação.

O syndicato, alem de nos trazer o beneficio da installação da *caixa economica*, beneficia muitissimo todos os proprietarios que se desejem associar.

Todo o associado poderá obter machinas, adubos, sementes, etc., por um preço mais

convitativo, tendo ao mesmo tempo facilidade na collocação dos diversos productos agricolas, e na conquista de novos mercados.

E' uma auctoridade, que se pode impor aos poderes publicos, no sentido de promover qualquer legislação mais de harmonia com os interesses agricolas da região. Pode conseguir a diminuição de tarifas, no transporte de diversos productos agricolas, por via terrestre ou marítima.

Promove experiencias que interessem á agricultura local; conferencias publicas que elucidem o pequeno lavrador; concursos e exposições que contribuam para a selecção dos productos agricolas, ou das diversas especies pecuarias, etc.

Chamo por isso a attenção de todos os proprietarios e agricultores, para que se interessem pelo syndicato que se vae formar, e concorram todos a unir-se n'um mesmo esforço, pondo de parte ideias politicas e odios pessoases, porque acima de tudo deve estar o interesse colectivo.

Se ha associações que devam merecer interesse, é esta uma das mais nobres e de ideias mais alevantados.

A nossa situação economica e financeira só poderá elevar-se a um grau prospero com o progressivo desenvolvimento da agricultura.

L. M.

## “OS SISTROS,”

Raul Martins é um poeta novo, mas cheio de talento, e o seu primeiro livro «Os Sistros» tem já versos de uma grande belleza de forma e de um fino e elevado sentimento.

Lyrico, como a maioria dos nossos poetas, ha em todo o seu livro um delicado perfume de romantismo, vagamente elegiaco e delicadamente sentimental.

Mas Raul Martins não é exclusivamente um lyrico e por vezes nos «Sistros» depa-ram-se-nos poesias de um sabor accentuadamente parnasiano; e n'ellas consegue o poeta uma forma por vezes de impecavel belleza e um rythmo harmonioso, sonoro, musical.

Queríamos talvez nos «Sistros» uma *esco-*

*lha maior*, que apartasse dos versos indistintivamente bellos que tem, alguns um pouco vulgares.

Desejariamos talvez ainda n'esse bello livro, uma orientação litteraria mais saudavel, menos sentimental e mais vigorosa, porque pensamos que, n'este nosso abatimento social, que é *inercia e fraqueza* e a que corresponde uma concepção piegas da vida, cumpre aos poetas estimular e acordar a energia da nossa raça; cumpre-lhes cantar a vida sã, a vida altiva, a vida intensa, a força e a alegria de viver.

Mas isto é uma concepção *utilitaria* que se não pode impôr rigidamente a todos os temperamentos artisticos; e a Arte deve ter como primeiro dever a *sinceridade*.

De resto quem ler o livro de Raul Martins fora de todos os preconceitos e exclusivismos de Escola, ha-de sentir um delicado prazer intellectual, colhido em muitas paginas de uma grande e indiscutivel belleza e de uma elevada e fina concepção artistica.

Ao distincto poeta, que nos tem honrado com a sua primorosa collaboração, agrade-cemos a offerta do seu livro, desejando-lhe o successo litterario a que o talento do auctor tem pleno direito.

## Echos & Variedades

### AS CANTINAS ESCOLARES

O primeiro relatório do Conselho superior da Instrucção publica da Inglaterra, sobre o funcionamento das cantinas escolares, é o mais animador possível.

O numero dos alumnos que tem tomado as suas refeições nas cantinas escolares augmentou consideravelmente, pois passou de 45:000 a 115:000.

A despeza foi naturalmente augmentada: gastaram 300 contos, enquanto que os paes dos alumnos apenas contribuíram com 1:500\$000 reis.

Todos devem tentar um esforço para interessar e generalisar em todos os paizes esta obra excellente.

## QUADRAS DO NOSSO POVO

*Ahi vem o barco á vela,  
Ahi vem a sardinha boa ;  
Ahi vem o meu amor  
Assentadinho na proa.*

\*

*O meu amor, coitadinho,  
Anda nas ondas do mar ;  
O' morte, eu dava-te a vida,  
Se tu lh'a fosses levar.*

\*

*Se algum dia te quiz bem,  
Esse tempo já acabou:  
Se inda olho para ti,  
Foi geito que me ficou.*

\*

*Prisão fosse a tua casa,  
O teu quarto calaboiço,  
E cadeias os teus braços  
Em volta do meu pescoço!*

\*

*Não ha no mundo dois mundos,  
Nem no céu ha dois Senhores ;  
Não ha coração que possa  
Ser leal a dois amores.*

---

### UMA ESCOLA MÉNAGÈRE MODELO

Em Rallingen, na Suissa, ha uma Escola Ménagère, que é simultaneamente uma estação hygienica de repouso, para fatigadas ou fracas.

As alumnas restauram a saude, diz Louis Frank, e aprendem a conduzir o seu lar por uma forma racional, cuidadosa e economica. Uma grande parte do tempo é consagrado aos exercicios ao ar livre: taes como a natacão, o remo, a ascensão de montanhas.

O ensino abrange:

- 1) A cozinha,
- 2) Economia domestica,
- 3) Contabilidade domestica,
- 4) Hygiene e theoria da alimentação,
- 5) Principios de pedagogia,
- 6) Trabalhos de costura,
- 7) Lavagem e cuidados com a roupa,
- 8) Hygiene da habitação (principios e pratica).
- 9) Elementos de horticultura,
- 10) Canto e musica.

## A MISERIA NO JAPÃO

O deputado socialista japonéz S. Katayama tem chamado ultimamente a attenção sobre a miseravel sorte dos proletarios do Japão.

Ha perto de 50:000 creanças, com menos de 14 annos de idade, empregadas na industria e que trabalham 12 horas por dia.

Não ha ainda legislação protectora do trabalho, verdadeiramente salutar e effcaz. Alem d'isso o governo é muito severo para os publicistas socialistas, pois todos os jornaes do partido socialista têm sido a pouco e pouco supprimidos, salvo o *Schakai Schimbun* (*Novidades socialistas*), de Tokyo.



## Transcrições

O nosso distincto collega *O Povo*, de Vianna do Castello, trasladou para as suas columnas os artigos publicados n'esta *Revista* intitulados: «Ainda o Regionalismo» e «Character e patriotismo», os quaes devemos, respectivamente, ás pennas brilhantes dos nossos collaboradores srs. Conde de Villas Boas e H. d'Amorim.

Agradecemos reconhecidamente ao prezado collega a distincção com que nos honrou e as amaveis e penhorantes referencias que faz á nossa *Revista*.

— Tambem *O Porto*, conceituado jornal da invicta, transcreveu os inéditos: «Soneto» e «Vogando» dos laureados poetas e nossos collaboradores srs. Julio Brandão e V. Cabral, publicados no n.º 15 d'esta *Revista*.

O nosso agradecimento.



Ao nosso distincto collaborador sr. Antonio Albino Marques d'Azevedo, apresentamos sentidos pesames pelo fallecimento de sua extremosissima e bondosa mãe, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Marianna Candida Marques da Costa Freitas e Azevedo.